O VAQUEIRO NA HISTÓRIA DO CEARÁ

Jósa Magalhães

O povoamento da Província do Ceará não se fêz senão com muito retardo e estorvos de vários matizes. As tentativas de Pero Coelho de Sousa, Soares Moreno, Jesuítas e Holandeses, jamais lograram a promoção que se concede ao êxito. Nestas arrojadas emprêsas referidos exploradores nunca chegaram a tomar contato com o sertão. Restringiam-se, só e só, à faixa talássica do litoral. O temor da indiada ímpia e revel, dominante na região, as circunstâncias físicas e meteorológicas do ambiente e a insuficiência de condições materiais inerentes a cometimentos dêste porte, compunham, sem dúvida, os óbices fundamentais que, iterativamente, e, por dilatado tempo, malograram e diferiram as primeiras aspirações do povoamento do nosso território.

No breve decurso de sua influência, cada explorador apenas fazia reduzidos reconhecimentos em alguns pontos da costa, chantando fortificações defensivas, fundando pequenos aldeamentos e, particularmente, lançando os fundamentos da cidade de Fortaleza. Saliente-se, todavia, que, em suas frustradas tentativas de colonização, Soares Moreno e os holandeses promoveram os primeiros ensaios da criação de gado vacum, mas, como refere Renato Braga, "ficaram adstritos à zona terciária dos tabuleiros arenosos, pobres em elementos minerais, agrològicamente desfavoráveis à criação, que, acanhada e medíocre, jamais alcançaram relêvo econômico neste ambiente".

A vigilante e coactora pressão que o domínio holandês, instalado na Bahia, exercia sôbre a livre ação dos portuguêses ali fixados e, mais ainda, a sobrecarga da crise econômica que, então, se configurava, fizeram com que os seus criadores de gado, em tão apro-

priada mansão, se dispuseram a transferir os seus currais da zona menos propícia do litoral para os fecundos campos do sertão.

Alongaram, então, suas vistas para as terras incultas e longínquas do sertão e viram nelas a expressão de ricas fazendas de gado, com trato mais fácil, pastagem substanciosa e econômicamente mais lucrativas. O sertão se lhes mostrava, destarte, uma atração incoercível. Os ignotos campos sertanejos lhes acenavam com promitentes possibilidades. Esta visão interior que do sertão tiveram, de logo a todos empolgou e, sensibilizados, sem tibiezas, decidiram-se pela ocupação imediata dos campos devolutos que se mostravam dadivosos.

Foi, assim, na vigência desta conjuntura, que se organizara na Bahia o bandeirismo de penetração nos ínvios sertões do Nordeste com a cobiça essencial de nêles difundirem a pecuária. Com o bandeirismo surdiu, por igual, a oportunidade de sua conquista e do seu povoamento progressivo.

Nos moldes do bandeirismo paulistano, promoveram os baianos o bandeirismo desbravador do Nordeste. Aquêles buscavam pepitas e pedrarias luzentes. Terras gordas, pertinentes ao rendoso desenvolvimento da pecuária, procuravam êstes.

Em duas colunas de penetração dispartiram-se os pecuaristas baianos. Uma, tendo como oriente o curso caudaloso do São Francisco, afundara-se pelos sertões da Bahia. Outra, encaminhando-se pela orilha do mar, tomou o rumo do Nordeste. A êstes movimentos demográficos de conquista deu-lhes Capistrano de Abreu a designação geográfica de entrada de dentro e entrada de fora. A corrente de dentro esgalha-se progressivamente, tomando novos rumos, em avanço continuado, pelos esgalhos tributários do São Francisco. E neste avanço constante, calcurriando o solo áspero da intérmina vastidão dos sertões incultos, alcança o sertão piauiense.

A corrente de fora, em marcha lenta, morosamente fincando nucleações de currais, vadeia o São Francisco, toma rumo do norte, passa por sôbre Sergipe, transfixa Pernambuco, transmonta Paraíba e Rio Grande do Norte e, por final, viola as fronteiras do Ceará e nela penetra.

A invasão das bandeiras baianas no território cearense ocorreu através de vários pontos de sua periferia: litoral, região do Cariri, Serra do Apodi, cabeceiras do Figueiredo e fronteira do Piauí. A transposição da fronteira piauiense se processou por mercê de um grupo divergente da corrente de dentro que, avançando num movimento retroativo pela vertente do Poti, foi ter às suas cabeceiras, nascentes e fluentes na zona de Crateús, então fazendo parte integrante do Piauí.

Vê-se, daí, que as duas correntes iniciais e opostas se encontraram qual se fôra um propósito deliberado e recíproco de cooperação para a conquista do Ceará.

Os pontos de eleição da entrada pela costa marítima foram as fozes dos vários rios que aí depõem o tributo de suas águas, nota-

damente o Jaguaribe e o Acaraú. Impende frisar, porém, que a entrada triunfal se operou sobretudo pelo acesso da porta folgada e liberal da barra do Jaguaribe. Afirma o historiador Raimundo Girão que o povoamento do Ceará foi "começado no vale do Jaguaribe, da sua foz às nascentes".

Acredita-se que o núcleo inicial do povoamento, fixado à margem dêste rio, sediou-se nas proximidades do Aracati. O segundo ter-se-ia pousado na Lagoa do Velho, a pouca longitude de Russas. O terceiro, em São João e, na ribeira do Icó, foi situar-se o quarto. Por aí se não imobilizara a leva forasteira da vaqueirama conquistadora. A visão obsidente de numerosos e nédios rebanhos fê-la avançar, ainda mais, na irradiação múltiplice dos tributários do famoso rio. E nesta derrota, de rio acima, devassara o Banabuiú, conquistara o Quixeramobim, assenhoreara-se do Figueiredo e, com o mesmo ímpeto e arrôjo, continuou a subir no Jaguaribe .E nêle subindo de mais a mais, subiu até as suas nascentes virginais, oriundas no amplo, ubérrimo e decantado altiplano dos Inhamuns.

O Acaraú, que, na gradação de sua importância hidrográfica é o detentor do segundo pôrto na potamografia cearense, serviu, por igual, de via de acesso aos vaqueiros povoadores do sertão.

Sobremaneira áspera e acidentada fôra, todavia, a audaciosa penetração dêstes arrojados desbravadores até a parada vitoriosa no coração do Ceará. Orientavam-se pelo coleado sulco dos rios. E assim procediam movidos de três fatôres: o primeiro se firmava na ausência absoluta de estradas regulares. A não serem as veredas torcicolosas que meandravam pela caatinga cerrada, trilhadas dos índios, nenhuma via de acesso havia então. O segundo, filiava-se ao fato de ser encontrada em seu leito arenoso a suficiente provisão de água que lhes era de todo o ponto imprescindível. Consistia o terceiro no achamento, em suas margens, de amplas várzeas propícias à criação bovina.

De mais a mais, entre invasores e nativos travava-se luta de vida e morte. Luta sem tréguas, insidiosa, sanguissedenta. Área por área. Não se compadeciam os autóctones com o ingresso, para êles indébito, do alienígena no recesso privativo do seu compáscuo. Os invasores, a seu turno, com isto não condescendiam. Opunham contra êles guerra excidiosa. Mais cruel e acirrada prosseguira esta cruenta refrega quando o Governador de Pernambuco, segundo depõe Nertan Macedo, julgou por bem "se movesse guerra de extermínio aos índios". Exterminados, de fato, teriam sido se não exulassem para refúgios de longes terras.

Como quer que fôra, valentemente, dominaram os vaqueiros a região a que se propuseram conquistar.

A despeito das desfavoráveis condições decorrentes da pugna que porfiavam com os selvagens e, ainda mais, os desfavores do meio físico, na andadura progressiva de penetração, onde se sentiam agradados da natureza ambiente, aí esbarravam e se imitiam

na regalada posse das extensas sesmarias que as leis lhes assinavam. E uma fazenda surgia e, do mesmo passo, grelava uma sementeira do povoamento.

Consistiam as sesmarias em um trato de terra que se concedia aos conquistadores mediante requerimento de posse. Foram as sesmarias, consoante depõe Joaquim Alves, "a primeira forma de propriedade territorial sôbre que se assentaram as bases da sociedade sertaneja do Nordeste". De sua parte, informa Capistrano de Abreu que "desde começos do século XVIII as sesmarias tinham sido limitadas ao máximo de três léguas separadas por uma devoluta". E acrescenta Joaquim Catunda que "as grandes e multiplicadas sesmarias que concedia a Coroa de Portugal foi incentivo poderoso para o povoamento da Província".

É muito de se acreditar fôsse o gado com que se iam os nossos campos incrementando, procedente, originàriamente, das ilhas de Portugal "do velho gado crioulo, remanescente da gadaria vinda da Madeira", como afirma Câmara Cascudo. Decerto, um gado agreste, de pequeno talhe, condições favorecedoras de mui fácil ajuste à rusticidade ecológica dos nossos campos, o qual devera corresponder ao nosso crioulo, também nomeado pé-duro que, obstinadamente, ainda muge, numeroso, nos currais do alto sertão.

Os gados se mobilizavam através dos sertões adustos, até o ponto de fixação, pelos vaqueiros profissionais e seus respectivos senhores que, do mesmo passo, desta profissão se compraziam. Tais condutores traziam réstias de couro. "Vinham encourados, é certo. A roupa de couro forrada internamente, única couraça resvolante contra a frechada dos índios'", informa Nertan Macedo.

Tanto que das frechadas dos selvagens livres se viam e seguros na posse sesmeira se achavam, logo improvisavam casas tôscas, levantavam currais e cuidavam da organização do criatório.

Consigna Capistrano de Abreu que, "adquirida a terra para uma fazenda, o trabalho primeiro era acomodar o gado na nova pastagem, o que exigia algum tempo e bastante gente. Depois ficava tudo entregue ao vaqueiro. A êste cabia amansar e ferrar os bezerros, curá-los das bicheiras, queimar os campos alternadamente, na estação apropriada, extinguir onças, cobras e morcegos, conhecer as malhadas escolhidas pelo gado para ruminar gregàriamente, abrir caminhos e bebedouros".

Nestas glebas virginais de ricas e nutrientes pastagens o gado incrementava de modo fabuloso. De igual passo crescia a população que aí se ia adensando em núcleos iniciais formadores de pequenos povoados que, posteriormente, progrediam para vilas, hoje elevadas à categoria de cidades populosas. Com a prosperidade multitudinária do gado, vaqueiros havia que, por mercê da iterada posse de muitas sortes, tornavam-se independentes e acabavam montando suas próprias fazendas. É o que informa Capistrano: "Depois de quatro ou

cinco anos de serviço, começava o vaqueiro a ser pago; de quatro crias cabia-lhe uma; podia assim fundar fazenda por sua conta."

Fácil, porém, lhes não transcorria a vida nos primeiros tempos da conquista, confinados como se encontravam em meio hostil, muito recuado dos centros culturais e abastecedores. Minguavam-lhes, sobretudo, os gêneros de primeira necessidade. Sòmente a carne se lhes oferecia de sobejo. Em face desta condição, além da vaqueirice eram movidos à prática da incipiente agricultura de subsistência.

O couro do boi disputado era para inúmeras aplicações domésticas de uso utilitário na vida cotidiana. Daí a exata informação de Capistrano: "Pode-se apanhar muitos fatos da vida daqueles sertanejos dizendo que atravessaram a época do couro. De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro tôdas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforje para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar o cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as bruacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os bangüês para curtume ou para apurar o sal; para os açudes o material de atêrro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com o pêso; em couro pisava-se o tabaco para o nariz." Era a civilização do couro como se convencionou designar.

Ainda que houvessem as fazendas surgidas mais ou menos concomitantemente nas diferentes ribeiras do Jaguaribe e nas ribas ferazes irrigadas pelo Coreaú, foi, sobretudo, nas cabeceiras do Jaguaribe, difluentes na região dos Inhamuns, onde maior soma de fazendas se estabeleceu. Os excelentes campos dos Inhamuns, providos de ricas e substanciosas pastagens, favoreceram, de muito, a proliferação do maior centro de criação de gado vacum naqueles sumidos tempos coloniais. Os Inhamuns constituíram-se ,dêste jeito, na meca das fazendas e dos vaqueiros.

Nesta famosa região, prestes, paralelamente, desenvolveu-se rica e poderosa aristocracia rural com base econômica privativa na pecuária. Fazendeiros havia que, por fôrça da sua riqueza e prestígio pessoal, galardoados eram com timbre honoríficos de nobreza. E muitos foram êstes nobres de fancaria da comunidade rural dos Inhamuns, contemplados com os pomposos rótulos de sargentos e capitães-mores. Entre êles, com dominância, distinguiram-se os Feitosas, cuja dominante descendência se destaca perduradoramente, no seio da sociedade cearense contemporânea.

De outra parte, vaqueiros autênticos foram os Feitosas que, encourados, metiam-se pelos matos em busca de seus gados. Todos os varões da comunidade sentiam-se orgulhosos em se envolvendo na couraça dos vaqueiros e montando bons cavalos de campo. O gibão e as perneiras confundiam as distinções entre senhores e agregados. Narra Gomes de Freitas que "eram espertos no mato os moços de família. Em cada fazenda, os filhos do fazendeiro animavam as cor-

ridas trazendo para cada pega difícil um amigo de outra zona. Era a camaradagem franca do homem do sertão". Foram exímios vaqueiros, continua Gomes de Freitas, o Dr. Bernardo Feitosa, o major Pedro de Deus Alves Feitosa, o grande filólogo Fausto Barreto e seu irmão general Alexandrino Barreto, bem como os ancestrais do estilista que era Paulo Setúbal".

Ainda, a êste respeito, Nertan Macedo, com espírito e não sem muita ironia, narra o seguinte: "Aí nasceu um padre vaqueiro, o padre José (José Bezerra do Vale), um daqueles sacerdotes do sertão primitivo que celebravam missa de manhã, corriam atrás de boi e, à noite, amavam a sua índia, com uma fôrça de amor prodigiosa, total, tantos os rebentos nascidos de seu leito bárbaro de couro e cipó."

A região dos Inhamuns é, pois, a terra tradicional dos vaqueiros. Bem vivos e surpreendentes são ainda os feitos dos seus antigos vaqueiros que a tradição conserva e os contemporâneos se comprazem de transmitir. Ainda hoje correm de bôca em bôca, pelo sertão, as histórias sensacionais de bois famigerados que desafiavam a audácia dos vaqueiros mais arrojados e destemidos nas correrias desabaladas através do emaranhado das caatingas bravias. As narrativas dos bois Rabicho da Geralda, Surubim e Espácio, já de todo incorporadas à temática do nosso folclore, sempre acrescidas de sugestivas alterações, arrebatam e comovem o espírito sensível do nosso povo.

Em outubro de 1967, no ensejo de uma exposição agropecuária ocorrida na cidade de Tauá — capital dos Inhamuns — pus-me em contato com dezenas de valorosos vaqueiros, descendentes daqueles bravos e destemidos povoadores. Dêles gravei aboios e colhi informes curiosos sôbre a vaqueirice tradicional da região.

A importância da entrada pelo Acaraú muito não se distancia daquela que ao Jaguaribe se confere. A par e passo que os vaqueiros acendiam no seu curso, iam dispondo em suas margens a semente futurosa de seus currais. De tanto subir alcançaram o chão feraz banhado das águas fecundantes do Groaíras, Jucurutu, Jaibara e Macacos seus contribuintes, aí, onde, em maior número, se fixaram. Na ribeira dêstes afluentes adquiriu o sargento-mor José Pinto de Mesquita extensas áreas de sesmaria em que situou numerosas fazendas. Sua iniciativa lhe assegurou merecido êxito, pois que seus rebanhos se multiplicaram opulentamente.

De uma de suas fazendas — Fazenda Cascavel — surdiu populosa cidade, tal é, hoje, Santa Quitéria, situada no município do mesmo nome, celebrado por ser, em todos os tempos, uma das principais zonas de criação de gado por fôrça dos seus campos úberes, sobejantes de ricas e copiosas gramíneas.

Os exploradores e antigos fazendeiros de Santa Quitéria deixaram, igualmente, progênie ilustre que honra a cultura, a ciência e a sociedade do Estado. Suas fazendas latifundiárias ainda hoje

são celeiros inexauríveis de gado e insignes são os seus vaqueiros por indústria da sua tradicionalidade, da sua experiência e integração plena no seu árduo mister.

A exuberante população bovina difusa na amplidão indefinida dos sertões gerou entre os criadores a instante preocupação do mercado consumidor. Tiveram, então, de levar as boiadas aos centros consumidores do Recife e Bahia. Para êstes mercados, umas sôbre outras, com amiudada freqüência, conduziam-se numerosas pontas de gado. A êste respeito, vêm a pêlo as pitorescas informações ministradas por Antonil: "Constam as boiadas que ordinàriamente vêm para a Bahia, de cem, cento e sessenta, duzentas e trezentas cabeças de gado. Uma rês ordinàriamente era vendida na Bahia por quatro ou cinco mil réis. Guiam-se, indo uns ordinàriamente cantando, para serem desta sorte seguidos pelo gado. Nas passagens de alguns rios, um dos que guiam a boiada, pondo uma armação de boi na cabeça e nadando, mostra às reses o vau por onde hão de passar."

O encaminhamento das boiadas para os mercados do Recife e Bahia não deu, entretanto, solução razoável e definitiva ao problema da carne excedente no sertão. Superava, ainda, em todos os setores. Demais, o penoso transporte do gado por vias longas e escabrosas, com falta d'água, às vêzes, e, às vêzes, também, alimentação restrita, quase sempre sacrificava muitas reses que, ao seu destino, chegavam estropiadas e escavacadas e, de outra parte, apoucados por morte e tresmalho.

Nesta conjuntura, surdiu a idéia da industrialização da carne-sêca por meio das charqueadas. Foi, decerto, uma feliz solução. Para o imediato movimento desta premeditada indústria, aprestaram-se tôscas instalações no arraial de São José do Pôrto das Barcas que, posteriormente, passou a chamar-se cidade de Aracati. Aí, com desembaraço, a cabotagem recolhia e transportava a carne industrializada para os portos consumidores, notadamente Recife e Bahia. Com esta indústria Aracati prosperou pasmosamente, passando a ser, então, a vila mais rica, mais populosa e de melhor comércio da Capitania naquela prístina época.

Acaraú, Coreaú, Sobral, Camocim e Granja foram outros tantos núcleos que muito prosperaram ao influxo tutelar das charqueadas. Assinalada prosperidade alcançaram, pois, as charqueadas do Ceará, tanto assim que, por dilatado lapso de tempo, constituíram a mais importante fonte econômica da Colônia.

O florescimento desta rendosa indústria surgida em época pouco anterior a 1740, perdurou até o advento da grande sêca de 1790 a 1793, que aniquilou os rebanhos a qual mantinham.

O curtimento do couro praticado no sertão, por maneira grosseira, e o preparo da carne-sêca no litoral foram as primeiras indústrias que apareceram no Ceará, uma e outra decorrentes da ação inicial, progressiva e eficiente do vaqueiro colonizador.

Quem quer que se devote à honesta e penetrante perquirição dos fatos componentes da nossa heurística há de, por fôrça, topar com as pegadas dos vaqueiros na luta titânica empenhada na conquista da nossa terra, pois foi esta gente rústica e alienígena, destemida e ambiciosa que, transmigrada para a colônia cearense, a povoou em definitivo. A história da conquista do Ceará está destarte intimamente jungida e engrauzada à história dos nossos vaqueiros. Não podemos recompô-la sem a êles nos referirmos. A êles devemos a maior parte das peças que compõem a nossa história. Foram êles que primeiro penetraram e desbravaram o ínvio sertão em luta porfiada contra a natureza virgem, a indiada insidiosa e as feras bravias, dispondo currais, povoando a terra, lançando os fundamentos estáveis da nossa estrutura econômica e caldeando uma sociedade nos moldes ruralísticos.

O nôvo ambiente recheia-se de fazendas onde, a par do desenvolvimento econômico, grelam, florescem e fruteiam as sementeiras opimas das primeiras nucleações da vida social da Colônia.

Como bem frisa o nosso padre Antônio Vieira, "a fazenda foi o centro de gravitação do mundo colonial. O curral era o marco da conquista da terra e o fixador do homem no meio rude e áspero". "Foi êsse homem, assim depõe o historiador Raimundo Girão, que, destemidamente forjou a colonização do Nordeste e a mantém até hoje. Venceu o índio, venceu a agrestia física do ambiente, venceu as feras que os cercavam a cada instante, venceu a falta de ajuda."

Em face da presente exposição que venho de traçar, bem merece, pois, o vaqueiro, o nosso aprêço, a nossa admiração, a nossa ajuda e as nossas homenagens. A êle devemos tributar o culto do nosso reconhecimento pelos inestimáveis serviços prestados em proveito da conquista, do povoamento e do progredimento social e econômico do nosso Estado.

Assis Chateaubriand, a par de patrióticas campanhas de âmbito nacional e de ordem científica, econômica e social, reconhecendo a afetuosa ação do vaqueiro na vida rural do Nordeste, humano como sempre foi, houve por bem prestar-lhe excepcionais homenagens. Na fazenda Paraíso, município de Jequié, Estado da Bahia, zona sertaneja de notável criação de gado, promoveu êle uma festa matuta com o concurso de numerosos vaqueiros e instituiu, então, a *Ordem dos Vaqueiros*. Em Feira de Santana fundou o *Museu do Vaqueiro* que é, hoje, um ponto obrigatório dos turistas. Em Paris, num ambiente aristocrático, prèviamente coordenado, êle e mais vários amigos categorizados fizeram-se exibir metidos nas vestes coriáceas dos intrépidos vaqueiros, cujas imagens Chateaubriand e seus amigos, com orgulho e patriotismo, mostravam a um grande mundo de refinada civilização.

A êstes desbravadores anônimos retardava o nosso Estado com o tributo oficial das homenagens de gratidão que lhes eram pertinentes por conta da integração da nossa existência colonial por êles

definida. A êste respeito, porém, em 1951, nas páginas da *Revista Contemporânea*, frisava Raimundo Girão: "Será dever nosso cultuar o aprêço ao vaqueiro e sem demora erguer-lhe, na praça pública, o bronze do nosso mais alto reconhecimento. Porque ao vaqueiro é que devemos a nossa formação de povo através três séculos de evolução histórica." Passados 15 anos, tal idéia não se amofinou no espírito de Raimundo Girão. Assim foi que, quando secretário da Educação e Cultura da Prefeitura Municipal de Fortaleza, ao tempo da administração do general Murilo Borges, reconhecendo, ainda, a persistência da injustiça desta clamante omissão, reavivou a idéia de se erigir em nossa Capital, um monumento alusivo ao vaqueiro. O Sr. Prefeito conveio integralmente no justo intento, o escultor corporificou-o em rígido granito e a inauguração se fêz em 13 de abril de 1966. Hoje, o viajor que deixar o aeroporto Pinto Martins em direitura do centro de Fortaleza, de logo deparar-se-á, na praça fronteiriça, com um grupo estatuário do valor artístico, representado por um vaqueiro montado em cavalo, na atitude dinâmica de corrida, em porfia de um boi em disparada, acompanhado do fiel e indefectível cachorro. Sôbre ser uma sugestiva obra de arte que orna a praça, a Praça Kennedy, é, sobretudo, um símbolo que cristaliza uma idéia, ao mesmo passo que uma homenagem muito cálida com que se consagra um trabalhador histórico que, sem tibiezas, inda moureja, quotidianamente, numa rude e valiosa obra de construção econômica em nosso Estado.

No ato da inauguração acentuou o secretário Raimundo Girão que "o simbolismo contido no monumento é o da própria alma cearense no que ela contém de mais acrisolado e exuberante".

Em várias cidades do interior tem-se procurado, igualmente, valorizar a personalidade dos vaqueiros com a criação de associações e clubes que os congregam socialmente entre si. Em Morada Nova, por exemplo, existe a *Associação dos Vaqueiros*. Em 15 de agôsto de 1965 fundou Acaraú a sua *Associação dos Vaqueiros*. Em agôsto de 1967, Icó inaugura o *Gibão Clube*, original agremiação que tem por objetivo "difundir na classe, elevado senso de solidariedade e ajuda mútua, incrementar o desenvolvimento dos rebanhos e da agricultura".

Aos nossos vaqueiros, porém, não lhes bastam as significativas homenagens já recebidas. Providências protetivas mais valiosas em seu proveito espiritual lhes devem ser tributadas. Haja vista a instrução. Aos fazendeiros compete, pois, manterem escolas em suas fazendas. É bem verdade que tais escolas aos vaqueiros pouco favorecerão, pois que têm definitivamente formada a sua mentalidade, mas aproveitarão aos filhos que serão os futuros vaqueiros. Dêste modo, precocemente iluminados pela instrução, os futuros vaqueiros serão mais esclarecidos e conscientes da dignidade da pessoa humana.

Causa espécie que uma classe tão numerosa e diligente, tal a dos vaqueiros, não esteja ainda sindicalizada. Urge seja ela beneficiada por êste instituto para regularização definitiva e segurança de suas obrigações e direitos, bem assim, a garantia do seguro pecuário e as facilidades das operações de crédito rural que acudirão, com oportunidade, as aperturas cruciais da vida. Justo não é, pois, que, no marejar constante das fazendas, continui à margem dos favores da legislação social tão ativo e eficiente trabalhador.